

# Para a história da negação: o minimizador *homem* no português antigo

Clara Pinto  
Universidade de Lisboa (Portugal)  
claragpinto@gmail.com

Recibido o 15/01/15. Aceptado o 30/03/15

## A contribution to the history of negation: the minimizer *homem* in Old Portuguese

### Resumo

Neste artigo apresentamos dados que pretendem contribuir para a compreensão da história da negação em português, partindo de textos datados entre os séculos XIII e XVI. Mostraremos que, a par dos indefinidos negativos, o português antigo dispunha de outro grupo de itens capazes de estabelecer concordância negativa: os minimizadores (Horn, 1989). No entanto, ao contrário de outras línguas como o francês, não há registo de minimizadores do português que tenham completado o ciclo de *Jespersen* (Jespersen, 1917), dando origem a um novo marcador de negação pós-verbal.

Neste trabalho, propomos a existência de dois tipos diferentes de minimizadores no português antigo: os partitivos/valorativos e os indefinidos. Destes dois grupos, apenas o primeiro sobrevive em português contemporâneo, embora com baixa produtividade. O desaparecimento precoce dos minimizadores indefinidos do português, no final do século XVI, contrasta com o percurso seguido por itens equivalentes noutras línguas, como o italiano ou o francês. Exploraremos como hipótese de explicação para este desaparecimento a ideia de que existiu competição entre os indefinidos negativos e os minimizadores indefinidos, numa perspetiva de competição entre gramáticas (Kroch, 1989, 1994).

Tomando como exemplo o minimizador *homem*, avançaremos a hipótese de que competisse com o indefinido *nenhum*, e mostraremos as diferenças e semelhanças entre ambos. A aplicação dos parâmetros propostos por Garzonio e Poletto (2008, 2009) permite verificar que *homem* e *nenhum* se encontravam em níveis de gramaticalização diferentes, e que, apesar de poderem competir para uma mesma posição, terá havido outros fatores a contribuírem para o desaparecimento de *homem*.

### Palabras chave

Português antigo, negação, concordância negativa, itens de polaridade, palavras-negativas, minimizadores

### Sumario

1. Introdução. 2. Negação no português antigo. 2.1. Minimizadores do Tipo 1. 2.2. Minimizadores do Tipo 2. 3. Minimizadores indefinidos e indefinidos negativos: um caso de competição? 4. O item bipolar *homem*. 5. O item bipolar *homem* vs. os indefinidos negativos. 5.1. *Homem* e *nenhum*. 5.2. *Homem* e *ninguém*. 6. Outras pistas para o desaparecimento de *homem*. 7. Conclusão.

### Abstract

By presenting data from texts from the 13th to 16th centuries, this article aims to shed light on the history of negation in Portuguese. We will show that, in addition to negative words, Old Portuguese displayed another set of items that could trigger negative concord: minimizers (Horn, 1989). Unlike languages such as French, none of the Portuguese minimizers completes the Jespersen cycle (Jespersen, 1917), becoming a new post-verbal negative marker.

We will claim that there were two different kinds of minimizers in Old Portuguese, the partitive/evaluative group and the indefinite group. Only the former group survives in contemporary Portuguese, although it is not very productive. The early disappearance of the indefinite minimizers in Portuguese by the end of the 16th century contrasts with the way equivalent items developed in languages such as Italian and French. In an attempt to explain their disappearance, we will consider the hypothesis of competition between negative words and indefinite minimizers based on the idea of competition between grammars (Kroch, 1989).

We will take as an example the minimizer *homem* (*man*) and we will consider the possibility that it might compete with the negative word *nenhum* (*none*), showing the similarities and differences between the two. By applying the parameters proposed in Garzonio and Poletto (2008, 2009), we conclude that *homem* and *nenhum* were at different stages of the grammaticalization process and that, despite the fact that they could occupy the same syntactic position, other factors need to be taken into account to explain why *homem* disappeared from the language.

### Keywords

Old Portuguese, negation, negative concord, polarity items, n-words, minimizers

### Contents

1. Introduction. 2. Negation in Old Portuguese. 2.1. Type 1 minimizers. 2.2. Type 2 minimizers. 3. Indefinite minimizers and negative indefinites: a case of competition? 4. The bipolar item *homem*. 5. The bipolar item *homem* vs. the negative indefinites. 5.1. *Homem* and *nenhum*. 5.2. *Homem* and *ninguém*. 6. Other clues for the disappearance of *homem*. 7. Conclusion.

## 1. INTRODUÇÃO

A existência de palavras ou expressões com propriedades escalares que operam como partículas de reforço da negação foi inicialmente notada por Pott (1857) e mais tarde por Wagenaar (1930), aos quais se seguiram diversos autores, entre os quais Horn (1989).

Os minimizadores caracterizam-se por terem origem, maioritariamente, em nomes comuns que denotam o menor ponto de uma escala de valor ou dimensão (cf. Hoeksema, 2001). São exemplos disso o minimizador *migalha*, que designa a porção mais pequena de pão que é possível obter, ou *um tostão furado*, que tem origem numa unidade monetária de fraco valor. Em alternativa, os minimizadores podem derivar de nomes associados a vocabulário vernáculo ou designativo de realidades consideradas insignificantes, embora não apresentem propriedades escalares<sup>1</sup>. Minimizadores como *um figo* ilustram este caso particular, considerando-se que, em algum momento da história, o fruto *figo* teve um valor insignificante.

Não sendo intrinsecamente negativos, os minimizadores necessitam de legitimação por parte de um operador de negação regular, funcionando assim como Itens de polaridade negativa fracos, na aceção de Martins (2000). Quando ocorrem no escopo da negação, têm uma leitura associada que é sinónima de *nada/coisa nenhuma*, como se verifica em (1a)<sup>2</sup>. No entanto, a sua ocorrência em contextos assertivos não-negativos encontra-se bloqueada, como em (1b), onde apenas se encontra disponível uma leitura em que *figo* é nome comum com significado referencial:

1. a. Aquele cozido à portuguesa não valia *um figo*.
- b. #Aquele cozido à portuguesa valia *um figo*.

A importância que os minimizadores assumem na expressão da negação deve-se à estreita relação que estabelecem com o fenómeno conhecido na literatura como ciclo de *Jespersen* (Jespersen, 1917). Uma grande parte dos marcadores de negação pós-verbal que completaram o ciclo de *Jespersen* teve origem em minimizadores, sendo o caso do *pas* francês o exemplo mais paradigmático (cf. Hansen, 2013). A associação entre minimizadores e a emergência de novos marcadores de negação encontra testemunho em inúmeras outras línguas, nomeadamente no alemão (cf. Jäger, 2013), no galês (cf. Willis, 2013), em alguns dialetos do italiano (cf. Garzonio e Polleto, 2008 e 2009), entre muitas outras.

Ao contrário do que se verifica em outras línguas românicas, o português parece não atestar casos de atuação do ciclo de *Jespersen* (para o português brasileiro, ver Cavalcante, 2012). Na verdade, muitos dos minimizadores conservados em estádios iniciais do português desapareceram da língua, e aqueles que são conservados têm uma produtividade pouco expressiva no português contemporâneo.

No presente artigo apresentamos uma breve caracterização dos minimizadores no português antigo, propondo a sua divisão em dois grupos distintos, e exploramos a hipótese de que um desses grupos tenha concorrido com os indefinidos negativos. Para tal, analisaremos o minimizador *homem*, em contraponto com o indefinido *nenhum* com traço [+ humano].

Os dados que aqui se apresentam têm por base um *corpus* de trabalho que inclui textos dos séculos XIII a XVI, recolhidos a partir de *corpora* disponíveis *online* ou de edições de autor, de acordo com a seguinte distribuição:

- Séc. XIII – *Demanda do Santo Graal*<sup>3</sup> (DSG); *Notícia de Torto* (NT); três documentos notariais (editados por Martins, 2001) (DN) e *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas* (CMGP);

<sup>1</sup> Autores como Israel (2011) consideram que, nestes casos, existe sempre uma semântica escalar associada, ainda que não seja óbvia.

<sup>2</sup> Note-se que, embora seja possível ter, para esta frase, a leitura em que *um figo* é um nome comum, essa não é a leitura preferencial, a menos que uma asserção posterior bloqueie a interpretação enquanto minimizador. É isto que se verifica em contextos de negação metalinguística (cf. Horn, 1989), como em «Aquele cozido à portuguesa não valia *um figo*. Valia dois (*figos*).»

<sup>3</sup> Consideramos a *Demanda do Santo Graal* como pertencendo ao grupo de textos do século XIII, apoiando-nos em Castro (1993) e Martins (2013).

- Séc. XIV – *Crónica Geral de Espanha* (CGE); *Dos Costumes de Santarém* (DCS); *Vidas de Santos* (*Vida de Tarsis*)(VS);
- Séc. XV- *Crónica de D. Fernando*, de Fernão Lopes (CDF) ; *Crónica de D. Dinis*, de Rui de Pina (CDD) ; *Crónica de D. Pedro de Menezes*, de Zurara (CDPM) ; *Orto do Esposo* (OE);
- Séc. XVI – *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (Perg.); *Vida e Obra de D. Frei Bartolameu dos Mártires* (VFBM); *Cartas de D. João III* (CJIII); peças de teatro quinhentista (TQ) (mais concretamente, *Auto do Filodemo*, de Luís de Camões; *Comédia dos Estrangeiros*, de Sá de Miranda; *Auto da Cananea*, *Farsa da Índia*, *Farsa do Clérigo da Beira* e *Tragicomédia da Serra da Estrela*, de Gil Vicente).

Além destas, sempre que se revelou necessário, foram consideradas outras fontes. Todos os valores representados em gráficos dizem, contudo, respeito apenas a dados extraídos do *corpus* de trabalho.

## 2. NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS ANTIGO

O português antigo é considerado uma língua de concordância negativa (na aceção de Zanuttini, 1997) pelo facto de dois elementos negativos numa mesma frase concordarem entre si e exprimirem juntos negação (ao contrário da ideia herdada da lógica formal de que dois elementos negativos se anulam um ao outro, produzindo uma interpretação positiva).

Itens como *nada*, *nenhum* e *ninguém* (habitualmente designados por indefinidos negativos ou *n-words*, na aceção de Laka, 1990) desencadeavam concordância negativa, co-ocorrendo, no português antigo, com um marcador de negação pré-verbal, independentemente de surgirem em posição pré ou pós-verbal. Em português contemporâneo, contudo, estes itens passam a poder ocorrer sozinhos, quando em posição pré-verbal<sup>4</sup>.

Para a descrição da evolução da negação no português antigo, adotamos aqui a proposta de Martins (1997, 2000). A autora propõe uma classificação aplicável a todos os Itens de polaridade, negativa e não-negativa, baseada em três traços de polaridade distintos: afirmativo, modal e negativo. Fazendo uma descrição em linhas muito gerais, podemos dizer que cada um destes traços exibe um valor que poderá ser especificado [+ ] ou subespecificado. No caso dos valores subespecificados, estes podem ser não-variáveis [0] ou variáveis [ $\alpha$ ]. Da conjugação de traços e seus respetivos valores deriva a distinção entre Itens de polaridade fortes e Itens de polaridade fracos. Enquanto os Itens de polaridade fortes apresentam um dos traços com valor especificado e não têm traços com valores de subespecificação variável, os Itens de polaridade fracos exibem, pelo menos, um traço com valor subespecificado variável e nenhum traço com valor especificado.

De acordo com Martins (1997, 2000), no português antigo, os indefinidos negativos apresentavam-se como Itens de polaridade negativa fracos exibindo os traços negativo e modal subespecificados ([ $\alpha$  neg] [ $\alpha$  mod] [0 aff]), podendo ocorrer em contextos negativos ou modais. Em contextos negativos, careciam de legitimação por parte de um marcador de negação regular para adquirirem interpretação negativa. A evolução dos indefinidos negativos fez-se no sentido da especificação de traços, passando estes a exibir o traço negativo especificado [+neg] e nenhum traço subespecificado com valor variável [ $\alpha$ ]. Esta mudança fez com que passassem a ser intrinsecamente negativos, deixando de ocorrer em contextos modais não-negativos e passando a poder ser o único elemento negativo da frase, quando em posição pré-verbal<sup>5</sup>.

Por outro lado, a par dos indefinidos negativos, existia, no português antigo, um outro conjunto de itens que participavam, igualmente, em estruturas de concordância negativa: os minimizadores. A observação dos dados recolhidos aponta para a existência de dois grupos distintos de minimizadores: os partitivos e valorativos, por um lado, e os indefinidos, por outro.

<sup>4</sup> Alguns autores falam, por isso, em concordância negativa estrita e não-estrita (cf. Giannakidou, 1997)

<sup>5</sup> O debate sobre o licenciamento de indefinidos negativos em posição pré-verbal é vasto na literatura e está fora do âmbito deste trabalho. Sobre o tema ver (Laka, 1990 e Martins, 2000, entre outros)

## 2.1. Minimizadores de Tipo 1

Os minimizadores de Tipo 1 incluem dois subtipos — partitivos e valorativos — com comportamento semelhante. Consideram-se partitivos todos aqueles que tiveram origem em nomes comuns com propriedades escalares que designam a parte mais pequena de um todo. Devido à leitura partitiva associada, ocorrem frequentemente com um modificador preposicional, como no exemplo em (2), e podem ser antecidos de determinante, geralmente indefinido, que enfatiza a leitura quantificacional, como em (3):

2. ca eu son eixerdada, que nõ hey *palmo* de herdade (CGE,1,CCXIII)
3. Eu queria seer desherdado e que nõ ouvesse sollamente *hũu palmo* de terra (CGE,1, CXCIX)

Já os minimizadores valorativos provêm de nomes comuns que denotam um valor irrisório ou pequena dimensão e estão frequentemente associados a vocabulário vernáculo. Surgem no *corpus* maioritariamente antecidos de determinante indefinido e sem modificadores associados, conforme se ilustra em (4):

4. Por quanto Boorz dizia, nom dava Lionel *ũa palha* (DSG, CLXXVII)

Tanto os minimizadores partitivos como os valorativos são pouco frequentes no *corpus*, ocorrendo preferencialmente em contextos negativos como em (5), onde apresentam uma leitura equivalente a *nada/coisa nenhuma*:

5. Gonçalo sei tu lembrado/ que dixeste que por Deos/ lhe havias por perdoado/ pola alma de teus heréus/ e nam te devem *cornado*. (TQ; *Farsa do Clérigo da Beira*; Gil Vicente)

Nos dados diacrónicos, os minimizadores do Tipo 1 apresentavam-se como Itens de polaridade negativa fracos, na caracterização de Martins (1997, 2000). Deste modo, careciam de ser legitimados por um operador negativo para terem leitura negativa, ou por um operador modal, para terem leitura modal. No entanto, não ocorriam em contextos assertivos não-negativos, visto apenas apresentarem subespecificação de valor variável (ou seja, subespecificação- $\alpha$ ) para os traços [mod] e [neg].

Os minimizadores do Tipo 1 subsistem em português europeu contemporâneo como Itens de polaridade negativa fracos, ocorrendo em contextos negativos e, mais raramente, modais não-negativos<sup>6</sup>, mas nunca em contextos afirmativos. Tal como se verificou anteriormente em (1b), a ocorrência destas palavras em contextos afirmativos bloqueia a sua leitura enquanto minimizadores, disponibilizando apenas a interpretação do item lexical em causa como nome comum referencial. Muito embora os minimizadores do Tipo 1 tenham mantido o mesmo comportamento de Itens de polaridade negativa fracos até aos dias de hoje, o seu funcionamento enquanto grupo é, contudo, instável, na medida em que funcionam como uma classe aberta, incorporando constantemente novos elementos, ao mesmo tempo que outros desaparecem por se tornarem obsoletos. Esta dinâmica de constante mudança vai ao encontro do que sugere Hoeksema (2001), e é justificada pelo facto de os minimizadores do Tipo 1 englobarem minimizadores cuja leitura é idiossincrática. Minimizadores provenientes de nomes que designam unidades monetárias tendem a desaparecer, como é o caso de *ceiril* em (6), ao passo que novo léxico pode motivar o surgimento de novos minimizadores, como é o caso de *nestum*<sup>7</sup>, em (7):

6. Leixou-me aquele fastio/ sem *ceiril*. (TQ; *Farsa da Índia*, Gil Vicente)
7. Com imensas coisas para fazer, mas não me apetece fazer «*nestum*»<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Por contextos modais (não-negativos) entendam-se contextos em que não existe um operador de negação, mas há modalidade associada, como com os verbos modais *poder* e *dever*, com determinados tempos (ex.: Imperfeito) e modos verbais (ex.: Conjuntivo, Condicional), em certos contextos de subordinação (ex.: orações comparativas) (cf. Oliveira, 2003).

<sup>7</sup> *Nestum* é uma marca de papas lácteas à qual se associa grande facilidade de confecção, o que poderá estar na origem da reanálise do nome como minimizador.

<sup>8</sup> <http://filtrodepalavras.blogs.sapo.pt/6609.html> - consulta a 14/10/2014.

## 2.2. Minimizadores de Tipo 2

No grupo dos minimizadores de Tipo 2 encontramos os minimizadores indefinidos que têm origem em nomes comuns com baixo grau de referencialidade (cf. Giannakidou, 2011) e um valor semântico genérico, o que potencia a sua leitura enquanto minimizadores. Distinguem-se dos nomes comuns que lhes deram origem pelo facto de não ocorrerem anteceditos de determinante, não integrando assim um sintagma determinante (DP) complexo, ao mesmo tempo que conservam a referencialidade deficitária. Podem, contudo, surgir com modificadores preposicionais (como em (8)) ou oracionais, mais concretamente com orações relativas com conjuntivo (como em (10)):

Os exemplos de (8) a (11) ilustram os minimizadores indefinidos mais frequentes do português antigo: *rem*, *al*, *cousa* e *homem*.

8. E tanto avia gram sabor de o ouvir, que *rem* do mundo nom lhe prazia tanto. (DSG; L)
9. E quando Erec viu que nom podia *al* achar en ella, respondeo chorando muito (DSG; CCXCIV)
10. Tu nom poderás fazer *cousa* por este cavalleiro que te seja vergonha nem deshonra. (DSG; CXIII)
11. E ao doo da rainha nunca *homem* vio par. (DSG; CCCCLV)

Os dados observados mostram que os minimizadores de Tipo 2 ocorriam mais frequentemente em contextos negativos, como ilustrado nos exemplos acima, de (8) a (11). Podiam igualmente ocorrer, com valor não-negativo, em contextos modais, como se verifica em (12) a (14), e mais raramente em contextos afirmativos. As frases em (15) e (16) atestam esta última possibilidade:

12. Ora catade o que ha em ella e dizede-me o que i jaz, se é *cousa* que eu deva ouvir (DSG; CCVII)
13. E esteve em meo do caminho, que, se *al* quisesse demandar, que fosse guisado de se defender. (DSG; CCCVII)
14. Isso certo é, pera que há *homem* de negar a verdade?<sup>9</sup> (TQ; *Comédia dos Estrangeiros*, Sá de Miranda)
15. Assi disse a donzella por se encobrir, mas *al* tinha no coração (DSG; CXIII)
16. Se por vergonha nom fosse, talhar-vos-ia a cabeça, porque fostes começar *cousa* que nom era para vos. (DSG; C)

Levando em consideração que, embora escassas, se registam ocorrências em frases afirmativas, teremos que assumir que os minimizadores de Tipo 2 começam por ser Itens bipolares<sup>10</sup> (no sistema de traços de Martins 1997, 2000). No entanto, os dados apontam para uma tendência para se transformarem em Itens de polaridade negativa fracos, dada a sua baixa ocorrência em contextos afirmativos assertivos. Ao contrário do que se verifica com os minimizadores de Tipo 1, os de Tipo 2 apresentavam-se como uma classe fechada, uma vez que este grupo era constituído por um número restrito de itens que desaparecem precocemente da língua, não sobrevivendo para além do séc. XVI<sup>11</sup>.

## 3. MINIMIZADORES INDEFINIDOS E INDEFINIDOS NEGATIVOS: UM CASO DE COMPETIÇÃO?

Muito embora a classificação dos minimizadores indefinidos como itens bipolares pareça afastá-los dos indefinidos negativos, a elevada frequência com que ocorrem no mesmo tipo de con-

<sup>9</sup> Um revisor anónimo chama a atenção para o facto de o verbo *negar* poder tornar a frase negativa. No entanto, o contexto é modal e não negativo, uma vez que a presença deste verbo não legitima Itens de polaridade negativa fortes como *ninguém*. A substituição de *homem* por *ninguém* tornaria a frase agramatical (\*Isso certo é, pera que há *ninguém* de negar a verdade?).

<sup>10</sup> São considerados Itens bipolares os itens de polaridade que possuam valores  $\alpha$ -subespecificados para todos os traços e, consequentemente, nenhum valor especificado para nenhum dos traços ([ $\alpha$  neg], [ $\alpha$  mod], [ $\alpha$  aff]).

<sup>11</sup> Do grupo aqui considerado (*homem*, *rem*, *cousa* e *al*) apenas *cousa*, na sua variante fonológica *coisa* (quase sempre em associação ao indefinido *nenhuma* em posição pós-verbal, *coisa nenhuma*) parece subsistir em português contemporâneo em contextos que se assemelham aos encontrados em estádios anteriores da língua. É, contudo, um tema inexplorado.

textos (negativos e modais) com uma interpretação idêntica leva-nos a considerar a hipótese de estarmos perante um caso de competição de gramáticas, na aceção de Kroch (1989).

A possibilidade de substituir pronomes indefinidos por nomes genéricos é relativamente comum nas línguas que dispõem de ambos os recursos, existindo, contudo, línguas em que apenas o recurso a uma estratégia lexical com nomes genéricos é possível. De acordo com Haspelmath (1997:52), os nomes genéricos são muito semelhantes aos pronomes indefinidos em termos de significado e constituem uma estratégia de substituição de pronomes indefinidos bastante difundida entre as línguas. Na verdade, em línguas como o inglês, vários dos pronomes indefinidos têm origem em nomes comuns genéricos, como é o caso de *thing*, do qual resultam os pronomes indefinidos *something*, *anything*, *nothing*. No caso do português antigo, os minimizadores indefinidos coexistiam com os nomes genéricos que lhes deram origem, tornando possível, em certos contextos, o recurso às três possibilidades disponíveis: indefinidos negativos, minimizadores indefinidos e nomes genéricos.

Por razões de espaço, não nos é possível apresentar dados relativos a todos os minimizadores indefinidos, razão pela qual nos centraremos, na secção seguinte, no caso particular de *homem*, em contraponto com o indefinido *nenhum* (e brevemente com *ninguém*), como exemplo ilustrativo.

#### 4. O ITEM BIPOLAR *HOMEM*

Tal como se referiu anteriormente, *homem* pertencia ao grupo dos minimizadores indefinidos, começando por ser um item bipolar, uma vez que podia figurar em qualquer contexto polar (pelo menos numa fase inicial). Verificam-se, portanto, ocorrências em contextos afirmativos (embora residuais) e modais não-negativos ou negativos, conforme se ilustra em (17), (18) e (19), respetivamente:

17. Mas, ao tempo da grande coyta, ha *homem* mester siso e castigo. (CGE; 2; CDXCIV)
18. No paaço avia gram lume, assí que perto poderia *homem* veer tam bem como se fosse de dia. (DSG; CC-CLXXXIX)
19. e tornaronse a suas naves con tâtas riquezas que nõ avia *homen* que lhe podesse dar conto. (CGE; 1; CCLVI)

Repare-se que o valor associado a *homem* não se mantém o mesmo em todos os contextos polares. Enquanto em contextos afirmativos e modais a leitura associada é semelhante a *alguém/alguma entidade/qualquer um/quem quer que seja*, em contextos negativos *homem* tem valor de minimizador, com interpretação equivalente a *ninguém/nenhuma entidade*, sendo estes contextos os mais frequentes. À semelhança do que se verifica com outros minimizadores indefinidos, também *homem* tem origem num nome comum genérico, com o qual coexiste até ao século XVI. No entanto, os dois usos de *homem* distinguem-se não só pelo grau de referencialidade que exibem, mas também pelas propriedades sintáticas que apresentam. Contraste-se o exemplo (20), no qual *homem* é um nome comum, com (21), em que *homem* é um item bipolar:

20. «Si será», disse ùu *homem* velho que i stava. (DSG; LVIII)
21. ca nunca *homem* vio ir cavalleiro com tam gram pesar. (DSG; CV)

Ao contrário do nome comum, que é frequentemente núcleo nominal dentro de um DP complexo, o item bipolar nunca ocorre antecedido de determinante, dada a sua natureza pronominal. Por outro lado, o item bipolar não ocorre com modificação adjetival (excluem-se aqui os contextos comparativos e consecutivos), embora possa ser modificado por constituintes de natureza preposicional e oracional. São sobretudo frequentes as ocorrências de *homem* modificado por oração relativa com conjuntivo, em construções que envolvem verbos existenciais, como em (22):

22. E nom avya *homen* que aquelle aver visse que al podesse dizer se nom que alli era o aver de todo o mundo. (CGE; 1; CCVI)

Ao contrário do que possa parecer, a modificação através de oração relativa não favorece a interpretação de *homen* como nome comum referencial. Pelo contrário, reforça a ausência de referencialidade e confirma o uso de *homen* como minimizador nestes contextos, como veremos mais adiante. Na verdade, a distinção entre o nome comum e o item bipolar é facilmente identificada se considerarmos que os contextos sintáticos em que o item bipolar ocorre são limitados, pois, de acordo com Faggion (2008:69) «a palavra *homen*, gramaticalizada, não indica indeterminação por si, mas depende de uma estruturação sintática concomitante». Os dados analisados indicam, na linha da afirmação de Faggion, que *homen* tinha tendência para ocorrer em três tipos de contexto: construções existenciais, construções de grau e construções modais<sup>12</sup>. A ocorrência de *homen* com o verbo existencial *haver* é ilustrada em (23):

23. E, se fores vençudo, nõ avera *homē* no mundo a que dello pese (CGE; 1; CXCVI)

Regra geral, nos contextos em que ocorre com um verbo existencial, *homen* é modificado por uma oração relativa com a forma verbal no modo conjuntivo, o que nos permite considerar estas relativas como modificadores que não fixam, necessariamente, uma leitura referencial, já que o modo conjuntivo é considerado um tempo não-deítico (cf. Giannakidou, 2011), não podendo receber um valor contextual. Também Brito e Duarte (2003:669) defendem que, nas orações relativas com conjuntivo, o sintagma nominal (NP) «designa não um indivíduo determinado do mundo real (que pode nem existir) mas um conjunto de propriedades que definem um conceito individual». A mesma ideia é partilhada por Marques (2010), que nota que «um sintagma nominal com uma oração relativa no conjuntivo não permite inferir a existência das entidades referidas»<sup>13</sup>.

Um outro contexto em que a ocorrência de *homen* é frequente é o das construções que envolvem a expressão de algum tipo de grau, como nos exemplos em (24) e (25):

24. ca nom ha *homen* que del tanto visse como eu nem que mais bem delle dissesse ca eu sei. (DSG; LXXI)  
25. Coitado vivo, há mui gram sazom, / que nunca *home* tam coitado vi / viver no mundo, des quando naci. (CMGP)

A relação entre Itens de polaridade negativa fracos e orações que envolvem expressão de grau, nomeadamente orações comparativas, tem sido amplamente estudada (cf. Giannakidou & Yoon, 2010) dado serem considerados contextos licenciadores de minimizadores. No entanto, na grande maioria dos casos em que *homen* ocorre em construções de grau, é a presença de um marcador negativo, frequentemente *nunca*, que legitima a sua ocorrência. A ocorrência frequente de *homen* em estruturas como as exemplificadas em (24) e (25) parece dever-se à ausência de referencialidade e, portanto, a uma leitura genérica que intensifica a expressão de determinado grau.

Finalmente, podemos encontrar *homen* em construções com verbos modais, como em (26):

26. nom devia *homē* a amar os filhos mais que Deos (VD; fólio 48r)

À semelhança do que se verifica com as construções de grau, também os verbos modais constituem contextos de legitimação de Itens de polaridade (bipolares e de polaridade negativa

<sup>12</sup> Note-se que *homen* ocorre preferencialmente e não exclusivamente nestes três tipos de construção.

<sup>13</sup> Um revisor anónimo salientou o facto de a modificação através de oração relativa com conjuntivo não significar, necessariamente, a perda de referencialidade de *homen*, uma vez que continua a subespecificar um conjunto, permitindo assim a recuperação do referente. Embora seja possível recuperar o referente, este é sempre uma entidade abstrata ou genérica dentro de um dado conjunto, não referindo nenhum indivíduo do mundo real e tendo, por isso, referencialidade deficitária. Além disso, a indefinição não nos parece incompatível com modificação por meio de oração relativa, uma vez que os indefinidos *ninguém* e *nada* podem ocorrer com oração relativa restritiva. No caso do indefinido *nada*, quando ocorre modificação através de oração relativa restritiva, o verbo surge, contudo, no conjuntivo: (1) Não há *nada* que me agrada nesta loja. (2) \*Não há *nada* que me agrada nesta loja.

fracos). No entanto, numa grande parte das ocorrências de *homem* com verbos modais, a sua legitimação é devida à presença de um marcador de negação regular e não ao verbo modal em si. Note-se que, nos contextos em que *homem* ocorre com verbos modais, verifica-se uma clara preferência pela ocorrência numa posição medial entre verbo modal e verbo infinitivo (26).

Todas estas construções confirmam a classificação de *homem* como item de polaridade, dado que é frequente a ocorrência de itens de polaridade com verbos modais e em determinadas construções temporais e aspetuais. Alguns autores têm igualmente identificado estes contextos como possíveis licenciadores dos chamados *free choice items* (Ladusaw, 1979), uma vez que criam contextos não-verídicos (*nonveridical contexts*). Sabemos, no entanto, que, apesar de serem raras as ocorrências de *homem* em contextos afirmativos, registando-se, portanto, uma tendência para o traço afirmativo com valor subespecificado- $\alpha$  se tornar subespecificado-0, uma evolução do tipo *something* > *anything* > *nothing* não se concretiza. Na secção seguinte exploraremos a hipótese de competição entre *homem* e *nenhum/ninguém* e apresentaremos as diferenças e semelhanças entre os itens.

## 5. O ITEM BIPOLAR *HOMEM* VS. OS INDEFINIDOS NEGATIVOS

Até ao final do século XVI, o pronome indefinido *nenhum* podia exibir o traço [+humano] (cf. Martins, 2003), surgindo em contextos como o de (27) e diferenciando-se do uso não-pronominal (antecedendo um nome) que se mantém em português contemporâneo:

27. E sia pensando tanto que *nenhũu* o nom podia acordar de seu pensar (DSG; IX)

Também o indefinido *ninguém* apresentava o traço [+humano]. Embora se encontrem ocorrências a partir do século XIII, permanece inexpressivo até ao início do XVI. Por seu turno, o item bipolar *homem* conservava o traço [+humano], herdado do nome comum *homem*. Assim, em contextos negativos (e modais, até determinada altura) tanto *homem* como *nenhum* partilhavam propriedades que lhes permitiam preencher uma mesma posição. Nesse sentido, podemos considerá-los como formas concorrentes<sup>14</sup>.

Se observarmos o Gráfico 1 verificamos que, apesar das semelhanças, a produtividade de *homem* em contextos negativos e modais no século XIII era (aparentemente) bastante superior à produtividade de *nenhum* nos mesmos contextos.

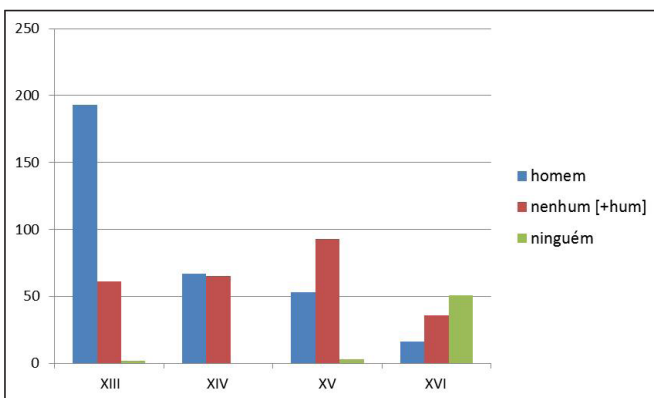


Gráfico 1. Número de ocorrências de *homem* e indefinidos por século

<sup>14</sup> Não incluímos na comparação com *homem* formas como *algum/alguém/outrém*. Começando *homem* por ser um item bipolar, seria esperado que o seu comportamento e evolução o aproximasse dos itens bipolares *algum* e *alguém* e não dos itens de polaridade negativa fracos *nenhum* e *ninguém*, no entanto, tomando como exemplo o texto da DSG, não se verificaram ocorrências de *algum* e *alguém* em contextos negativos, que são precisamente aqueles em que *homem* mais frequentemente ocorre.



No entanto, sabemos que a distribuição real de ambos os itens não era totalmente coincidente, uma vez que *homem* ocorria num número mais limitado de estruturas sintáticas. Esta limitação de contextos de ocorrência é, contudo, surpreendente, pois parece não ser compatível com a elevada produtividade de *homem*. Observando o Gráfico 2 verificamos que, quando se consideram as diferentes tipologias de texto na produtividade de *homem*, *nenhum* e *ninguém*, a aparente contradição revelada pelo Gráfico 1 é esbatida.

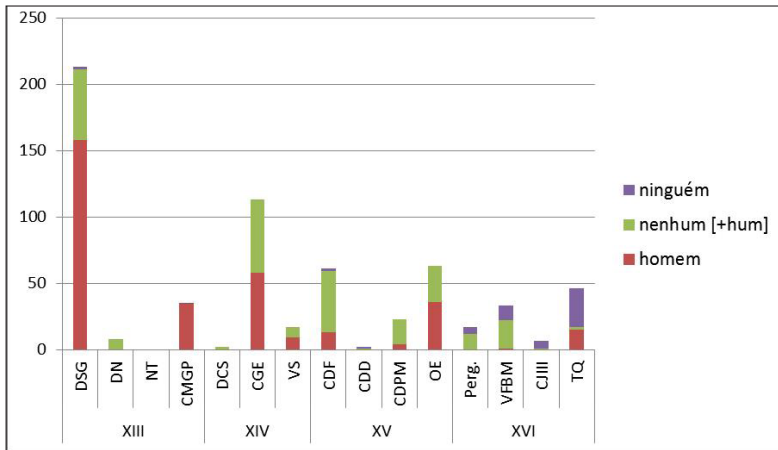


Gráfico 2. Número de ocorrências de *homem* e indefinidos por século e texto

Ainda que se continue a verificar um decréscimo acentuado do uso de *homem* desde o século XIII até ao seu quase desaparecimento no século XVI, verifica-se igualmente que a tipologia textual parece ser uma forte condicionante na produtividade deste item. Se tomarmos como exemplo os valores encontrados para a *Demanda do Santo Graal* (DSG), um romance de cavalaria, verificamos que *homem* é muito mais produtivo do que *nenhum*. No entanto, no conjunto de documentos notariais do mesmo século, não há registos de ocorrências de *homem*, sendo encontrado apenas o indefinido *nenhum*. O mesmo contraste parece verificar-se na amostra de textos dos séculos subsequentes, com especial destaque para o século XVI, no qual apenas se encontram ocorrências de *homem* num tipo particular de texto: o dramático (TQ). Os dados do Gráfico 2 sugerem a existência de uma relação inversamente proporcional entre formalidade do texto e utilização do item *homem*. A relação entre o uso de *homem* (e possivelmente de outros minimizadores) e a tipologia textual é um ponto que precisa de investigação futura<sup>15</sup>.

## 5.1. Homem e Nenhum

Na secção anterior considerámos que *homem* e *nenhum* [+humano] poderiam ser encarados como formas concorrentes e verificámos que *homem* ocorria mais frequentemente em três tipos de construções. Já em relação a *nenhum*, os dados sugerem que podia ocorrer em qualquer contexto negativo (e modal até certa altura), não se verificando preferência por certas estruturas. Isto significa que podia ocorrer nas três construções que destacamos como mais frequentes para *homem*. O par (28) e (29) ilustra a ocorrência dos dois itens em contexto negativo, com o verbo modal *poder*, numa posição medial entre verbo modal e verbo infinitivo e com função sintática de sujeito. Em (30) e (31) encontramos os dois itens a ocorrer com a forma existencial do verbo *haver* no Imperfeito do Indicativo e com um modificador oracional (oração relativa com conjuntivo). Finalmente, (32) e (33) ilustram a possibilidade de ambos os itens ocorrerem em construções que envolvem a expressão de grau, neste caso em orações consecutivas:

<sup>15</sup> A propósito da ocorrência de minimizadores nas peças de teatro vicentino, Teyssier (2005:612) afirma que «as locuções negativas que integram *ponto-ponta* têm um valor nitidamente popular.»

28. «Bõo cavaleiro nom pode *homem* achar tam aginha como vos cuidades». (DSG; DLVII)
29. e porque alguus duvidavam na enliçom por rrazom do arroido dos rromaãos, agora nom pode *nêhuu* allegar clamor nem torvaçom, (CDF; CVII)
30. E nom avya *homen* que aquelle aver visse que al podesse dizer se nom que alli era o aver de todo o mundo. (CGE; CCVI)
31. e aprendeo tanto, que foy sabedor é muytas ciencias, en tal guisa que nõ auia *nehuu* que fosse jqual a ella (...). (OE; 4, 36, 99r)
32. E porem vos digo que *nenhũu* nom será tam ardido que o a seu collo deite, senam aquel a quem o Nosso Senhor ha outorgado. (DSG; LV)
33. Tanto que el esto disse, vio que a donzella se tornou em forma de demo tam feo e atam espantoso, que nom ha, no mundo *homem* tam ardido que o visse que nom ouvesse a aver gram medo. (DSG; CXLIX)

Sabemos que nos contextos acima exemplificados *homem* era, apesar de tudo, a forma preferencial, sendo mais frequente do que *nenhum*. Podemos considerar que *nenhum* não tinha restrições de ocorrência (além daquelas resultantes dos seus traços de polaridade), enquanto *homem* ocorria (tendencialmente, embora não exclusivamente) num subconjunto dos contextos modais e negativos em que *nenhum* podia ocorrer. Por outro lado, *homem* e *nenhum* não se encontravam num mesmo estágio de evolução no português do século XIII e seguintes, como mostraremos em seguida. Para tal, tomaremos como ponto de partida a proposta de Garzonio e Poletto (2008, 2009) para o percurso de gramaticalização dos minimizadores. Segundo os autores, a passagem de minimizador a marcador de negação pode ser dividida em três fases, de acordo com o comportamento dos itens em relação a oito propriedades fundamentais, que se encontram sintetizadas na Tabela 1, abaixo:

Propriedades	Fase 1	Fase 2	Fase 3
a) Núcleo de DP	sim	não	não
b) Complemento preposicional	obrigatório	não	impossível
c) Admite modificador	sim	não	não
d) Significado referencial	sim	não	não
e) Exibe traços-phi	sim	não	não
f) Especialização semântica dos verbos	sim	menos restrita	não
g) Ocorre em contextos positivos	sim	raramente	não
h) Único elemento negativo em posição pré-verbal	não	não	sim

**Tabela 1.** Fases de gramaticalização (adaptado de Garzonio e Poletto, 2008, 2009)

Numa fase inicial (Fase 1), os minimizadores começam por ser o núcleo de um DP e apresentam um complemento preposicional obrigatório. Nesta fase mantêm ainda o significado referencial próprio do nome comum do qual derivam, exibindo traços-phi. Devido ao significado referencial que ainda mantêm, ocorrem com um pequeno leque de verbos, do mesmo campo semântico. Além disso, ocorrem em contextos positivos e nunca podem ser o único elemento negativo numa frase, mesmo que ocorram em posição pré-verbal. O processo de gramaticalização considera-se completo quando um minimizador atinge a Fase 3, passando a poder ocorrer como único elemento de negação na frase, em posição pré-verbal, e perdendo totalmente o seu significado referencial. Passa a ocorrer com qualquer tipo de verbo e deixa de ser interpretado como um DP, razão pela qual perde os seus traços-phi e deixa de poder ter complemento preposicional (esta propriedade funciona sobretudo para os minimizadores partitivos) e de ser modificado. Ao aplicarmos as propriedades apresentadas aos itens *homem*, enquanto minimizador, e *nenhum*<sup>16</sup> obtemos a Tabela 2:

<sup>16</sup> Consideramos que a adaptação de uma proposta de evolução direcionada para minimizadores não conflita com o estatuto de *nenhum*, uma vez que, em última instância este item tem origem num minimizador proveniente da reanálise da forma *ne(c) unu* do latim.

Propriedades	Fase 1	Fase 2	Fase 3
a) Núcleo de DP		<i>nenhum</i> <i>homem</i>	
b) Complemento preposicional		<i>nenhum</i> <i>homem</i>	
c) Admite modificador		<i>nenhum</i> <i>homem</i>	
d) Significado referencial		<i>nenhum</i> <i>homem</i>	
e) Exibe traços-phi		<i>nenhum</i> <i>homem</i>	
f) Especialização semântica dos verbos	<i>homem</i>		<i>nenhum</i>
g) Ocorre em contextos positivos		<i>homem</i>	<i>nenhum</i>
h) Único elemento negativo em posição pré-verbal	<i>homem</i>		<i>nenhum</i>

**Tabela 2.** Fases de gramaticalização de *homem* e *nenhum*

Verificamos que tanto *nenhum* como o minimizador *homem* não ocorrem como núcleos de DP, já não mantêm o significado referencial inicial e não exibem traços-phi. Além disso, não selecionam um complemento preposicional obrigatório, embora se verifique, em alguns casos, a presença de um modificador preposicional com uma leitura próxima da leitura partitiva característica dos minimizadores partitivos. Esta propriedade é mantida nos dados contemporâneos para os indefinidos *nenhum* e *nada*<sup>17</sup>. Relativamente à possibilidade de serem modificados, ambos exibem comportamento semelhante neste parâmetro, admitindo modificadores sobretudo preposicionais e oracionais. No entanto, neste ponto, consideramos que, tanto *homem* como *nenhum* se encontravam entre as fases 1 e 2 do processo de gramaticalização dada a impossibilidade de ocorrerem com um modificador de natureza adjetival. Conforme sugerem Garzonio e Poletto (2009:106), «the first step of the reanalysis is the one in which the minimizer is not the head noun anymore [...]. At this point it can no longer be modified by adjectives or have a determiner.»

Não obstante as semelhanças referidas, *nenhum* e *homem* distinguem-se no que diz respeito às propriedades listadas em f), g) e h). Enquanto *nenhum* pode ocorrer livremente com qualquer tipo de verbo, o mesmo não se verifica com *homem* que coocorre preferencialmente (em cerca de metade das ocorrências) com verbos modais e com as formas existenciais dos verbos *ser* e *haver*. A comparação entre *homem* e *nenhum* mostra que, para a maioria das propriedades, *homem* apresenta um comportamento de Fase 1 ou Fase 2, enquanto *nenhum* exibe um comportamento de Fase 3 para três das propriedades listadas. Embora partilhassem algumas propriedades comuns, *nenhum* encontrava-se numa fase mais avançada do processo de gramaticalização/especialização dos traços polares do que *homem*.

Uma outra diferença que importa realçar, embora não se relacione diretamente com a maior ou menor gramaticalização dos dois itens, é o tipo de referencialidade associado a cada um. Enquanto *nenhum* tem uma referência específica indefinida e conserva noções de quantidade e de unicidade (cf. Abbott, 2006), *homem* tem referência genérica.

## 5.2. Homem e Ninguém

Como foi previamente referido, até ao século XVI não se encontram ocorrências de *ninguém* em número significativo para que se considere que *homem* e *ninguém* poderiam ser formas concorrentes. No entanto, o século XVI marca o ponto de viragem na produtividade destes itens, com *homem* e *nenhum* [+humano] a desaparecerem da língua e *ninguém* a ganhar expressividade. O facto de *ninguém* só se tornar produtivo tardiamente leva-nos a considerar que não se tratou de uma forma concorrente até *homem* e *nenhum*, como pronome [+ humano],

<sup>17</sup> Sobre a modificação preposicional de indefinidos, veja-se Duarte e Oliveira (2003:235)

entrarem em declínio. Desse ponto em diante, *ninguém* passa a ser o único indefinido com traço [+humano] disponível.

## 6. PISTAS PARA O DESAPARECIMENTO DE *HOMEM*

O minimizador *homem* deixa de ser atestado na língua no final do século XVI, embora dados do século XV demonstrem já alguma instabilidade no seu uso, traduzida em casos de ambiguidade entre o minimizador em (34) e o nome comum em (35):

34. e porê nõ se deue *homē* gloriar ã ella nõ se deue anojár, nõ a avendo (OE; 4, 22, 75r)

35. nõ se deue o *homē* gloriar em ella quando bem pensar o pouco proueyto della (OE; 4, 24, 77v)

Apesar de existirem na literatura algumas explicações para o desaparecimento de *homem* (cf. Faggion, 2008; Menon, 2011 e Silva, 1989), nenhuma delas é satisfatória<sup>18</sup>. Na verdade, consideramos que não é possível explicar o desaparecimento deste item sem explicar o desaparecimento de toda a classe dos minimizadores indefinidos. Os dados observados apontam para uma proximidade entre *nenhum* e *homem*, sendo expectável que essa mesma semelhança se verifique entre os itens *rem* e *cousa* (e possivelmente *al*) em relação ao indefinido *nada*. Nesse sentido, a hipótese que se coloca em cima da mesa é a de que a classe dos indefinidos negativos e a classe dos minimizadores indefinidos tivessem competido entre si, numa perspectiva de competição entre gramáticas (ou eventualmente competição entre *lexical/functional doublets*) (cf. Kroch, 1989 e 1994). De acordo com Kroch (1989), quando uma nova variante sintática entra na gramática, o seu uso pode ser mais ou menos favorecido em diferentes contextos, mas a predição é a de que a sua frequência aumente na mesma proporção em todos os contextos (*the constant rate effect*). Em casos de competição é esperado que a variação (ou aparente opcionalidade) se resolva através da substituição de uma forma por outra ou da especialização de uma das formas em funções diferentes.

Embora os dados que aqui foram apresentados não expliquem, por si só, o desaparecimento da classe dos minimizadores indefinidos, lançam pistas válidas para uma explicação nos moldes acima referidos. Em primeiro lugar mostrou-se que *homem* e *nenhum* partilhavam propriedades, mas que a ocorrência de *homem* era favorecida num subconjunto dos contextos de ocorrência de *nenhum*. Por outro lado, verificou-se que *nenhum* [+humano] se apresentava como uma forma mais especializada relativamente aos traços de polaridade, encontrando-se numa fase de gramaticalização mais avançada e sendo, por isso, uma forma mais forte e menos ambígua.

A ideia de que a classe dos indefinidos negativos, por ser mais especificada, se sobreporia à dos minimizadores indefinidos parece ser corroborada pelos dados relativos a *homem*, sendo expectável que os dados referentes aos restantes minimizadores indefinidos apontem nesta mesma direção. A previsão é a de que a resolução da competição entre as duas classes de itens tenha seguido o caminho da substituição.

## 7. CONCLUSÃO

O funcionamento dos minimizadores no português antigo permanece um tema praticamente inexplorado, à exceção de contributos pontuais (cf. Meleiro, 2007). O presente artigo pretende apresentar uma proposta de sistematização dos minimizadores medievais do português, agrupando-os em dois tipos distintos, de acordo com as suas propriedades. Por um lado, o grupo

<sup>18</sup> Estas três autoras avançam explicações para o desaparecimento de *homem*, embora nunca o identifiquem como item de polaridade, nem o associem às estratégias de expressão da negação. De acordo com Faggion (2008), o desaparecimento de *homem* relaciona-se com o surgimento de novas estratégias de passivização como o uso de *-se* indeterminado, da terceira pessoa do plural e da passiva sem agente. Também Silva (1989) sustenta a ideia de que o «uso de *homem* como pronome genérico ou impessoal veio a desaparecer no decorrer da história da língua portuguesa em proveito do pronome *se*». Por outro lado, Menon (2011) defende que a ambiguidade lexical existente entre o item bipolar e o nome comum poderá ter acelerado o desaparecimento do primeiro.

dos partitivos/valorativos que partilham propriedades escalares e que subsistem nos dados contemporâneos. Por outro lado, o grupo dos indefinidos que, embora pouco coeso, reúne elementos cuja propriedade distintiva é a de referencialidade deficitária ou genérica. Dentro deste último grupo, tomámos como exemplo o minimizador *homem* e tentámos mostrar que, em determinados contextos, concorria com *nenhum* [+humano], mas que este último se encontrava numa fase mais avançada do processo de gramaticalização, sendo, por isso, um melhor candidato a ganhar a competição.

Finalmente, lançamos como pista para o desaparecimento de *homem* a ideia de que indefinidos negativos e minimizadores indefinidos teriam entrado em competição e que os primeiros, por serem formas mais especificadas em termos polares (tal como se verificou para *nenhum* [+humano]), teriam ganho a competição. No entanto, esta ideia carece de dados empíricos relativamente aos restantes minimizadores indefinidos, constituindo, portanto, trabalho futuro. A relação entre o uso de minimizadores e a tipologia textual parece-nos um tema a ser, igualmente, explorado, sobretudo face às pistas lançadas por autores como Larrivé (2010) e Hansen (2013), que relacionam o uso de minimizadores com o conceito de pressuposição.

## AGRADECIMENTOS

A investigação para este trabalho foi financiada pelo projeto P.S., *Post Scriptum* (ERC Advanced Grant - GA 295562).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbott, Barbara (2006): «Definite and indefinite», em Keith Brown (ed.), *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2<sup>nd</sup> ed., vol. 3. Oxford: Elsevier, 392-399.
- Brito, Ana Maria / Inês Duarte (2003): «Orações relativas e construções aparentadas», em Maria Helena Mira Mateus et al. (eds.), 655-694.
- Castro, Ivo (1993): «Demanda do Santo Graal»; «Livro de José de Arimateia»; «Matéria da Bretanha»; «Merlim», em Julia Lanciani / Giuseppe Tavani (eds.), *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Cavalcante, Rerisson (2012): *Negação anafórica no Português Brasileiro*. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09112012-102648/pt-br.php>
- CDD= Rui de Pina, *Crónica de D. Dinis*, em Charlotte Galves / Pablo Faria (eds.).
- CDF= Macchi, Giuliano (1975): *Crónica de D. Fernando - Fernão Lopes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CDPM= Brocardo, Maria Teresa (1997): *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses - Gomes Eanes de Zuzara / Edição e Estudo*. Lisboa: FCG/JNICT.
- CGE= Pedrosa, Marta (2012): *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (1.ª parte)*. Relatório final de estágio de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- Miranda, Sílvia (2013): *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (2.ª parte)*. Relatório final de estágio de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- CJIII= D. João III, *Cartas*, em Charlotte Galves / Pablo Faria (eds.).
- CMGP= Graça Videira Lopes et al. (orgs.) (2011): *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. <http://cantigas.fch.unl.pt>
- DSG= Piel, Joseph-Maria / I. Nunes. (1988): *Demanda do Santo Graal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- DN= Martins, Ana Maria (2001): *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Duarte, Inês / Fátima Oliveira (2003): «Referência Nominal», em Maria Helena Mira Mateus et al. (eds.), 207-242.
- Faggion, Carmen (2008): *A Indeterminação em Português: uma perspectiva diacrónico-funcional*. Tese de doutorado. UFRGS. [http://www.ufrgs.br/ppglettras/defesas/2008/carmen\\_maria\\_faggion.pdf](http://www.ufrgs.br/ppglettras/defesas/2008/carmen_maria_faggion.pdf)
- Galves, Charlotte / Pablo Faria (eds.) (2010): *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>

- Garzonio, Jacopo / C. Poletto (2008): «Minimizers and quantifiers: a window on the development of negative markers», *CISCL Working Papers*, vol. 2. Siena: University of Siena, 59-80.
- Garzonio, Jacopo / C. Poletto (2009): «Quantifiers as negative markers in Italian dialects», em Jeroen Van Craenenbroeck (ed.), *Linguistic Variation Yearbook 2009*, vol. 9. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 127-152. <http://dx.doi.org/10.1075/livy.9.04gar>
- Giannakidou, Anastasia (1997): *The landscape of Polarity Items*. Dissertation ijsuniversiteit. Groningen.
- Giannakidou, Anastasia / Suwon Yoon (2010): «No NPI-licensing in comparatives», em Rebekah Baglini et al. (eds.), *Proceedings of 46th Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society (CLS)*. Chicago: Chicago University.
- Giannakidou, Anastasia (2011): «Positive polarity items and negative polarity items: variation, licensing, and compositionality», em Claudia Maienborn et al. (eds.), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*, vol 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 1660-1712.
- Hansen, Maj-Britt Mosegaard (2013): «Negation in the History of French», em David Willis et al. (eds.), 51-76.
- Haspelmath, Martin (1997): *Indefinite pronouns*. Oxford: Oxford University Press.
- Hoeksema, Jack (2001): «Rapid change among expletive polarity items», em Laurel J. Brinton (ed.), *Historical Linguistics 1999: Selected papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 175-186. <http://dx.doi.org/10.1075/cilt.215.13hoe>
- Horn, Laurence (1989): *A Natural History of Negation*. Stanford: CSLI Publications, 2001<sup>2</sup>.
- Israel, Michael (2001): «Minimizers, Maximizers, and the Rhetoric of Scalar Reasoning», *Journal of Semantics* 18, 297-331. <http://dx.doi.org/10.1093/jos/18.4.297>
- Jäger, Agnes (2013): «Negation in the history of (High) German», em David Willis et al. (eds.), 151-189.
- Jespersen, Otto (1917): *Negation in English and Other Languages*. Copenhagen: A.F. Host.
- Jones, B. Morris (1999): *The Welsh Answering System*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter (Trends in Linguistics, Studies and Monographs, 120). <http://dx.doi.org/10.1515/9783110800593>
- Kroch, Anthony (1989): «Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change», *Language Variations and Change* 1/3, 199-244. <http://dx.doi.org/10.1017/S0954394500000168>
- Kroch, Anthony (1994): «Morphosyntactic Variation», em Katarine Beals et al. (eds.), *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theor*, vol 2. Chicago: Chicago Linguistic Society, 180-201.
- Ladusaw, William A. (1979): *Polarity Sensitivity as Inherent Scope Relations*. Ph.D. dissertation. University of Texas. Austin.
- Laka, Itziar (1990): *Negation in Syntax: On the nature of functional categories and projections*. Ph.D. dissertation. MIT.
- Larrivé, Pierre (2010): «The pragmatic motifs of the Jespersen cycle: default, activation, and the history of negation in French», *Lingua* 120/9, 2240-2258.
- Martins, Ana Maria (1997): «Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas: Da natureza de palavras como nenhum, nada, ninguém», em Ivo Castro (ed.), *Atas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. 2. Lisboa: APL, 179-210.
- Martins, Ana Maria (2000): «Polarity Items in Romance: Underspecification and Lexical Change», em Susan Pintzuk et al. (eds.), *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*. Oxford/New York: Oxford University Press, 191-219.
- Martins, Ana Maria (2003): *Relatório da cadeira de História da Língua Portuguesa* (apresentado a concurso para Professor Associado). FLUL.
- Martins, Ana Maria (2013): «Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia», em Rosario Álvarez et al. (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 383-402.
- Marques, Rui (2010): «Sobre a semântica dos tempos do conjuntivo», em Ana Maria Brito et al. (eds.), *Atas do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 549-565.
- Mateus, Maria Helena et al. (eds.) (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Meleiro, Mário (2007): «Minimizadores nas crónicas de Fernão Lopes e Zurara», em Sónia Frota / Ana Lúcia Santos (eds.), *Atas do XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 465-481.

- Menon, Odete (2011): «Homem: um caso de desgramaticalização?», *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 16/2, 7-32.
- NT= *Notícia de Torto*. Maria Francisca Xavier (coord.), *Digital Corpus of Medieval Portuguese (CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval)*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <http://cipm.fcsh.unl.pt/>
- OE= *Orto do Esposo*. Maria Francisca Xavier (Coord.), *Digital Corpus of Medieval Portuguese (CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval)*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. <http://cipm.fcsh.unl.pt/>
- Oliveira, Fátima (2003): «Modalidade e Modo», em Maria Helena Mira Mateus *et al.* (eds.), 246-272.
- Parry, Mair (2013): «Negation in the History of Italo-Romance», em David Willis *et al.* (eds.), 77-118.
- Perg= Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, em Charlotte Galves / Pablo Faria (eds.).
- Pott, August (1857): *Etymologische Forschungen auf dem Gebiete der Indo-Germanischen Sprachen*, vol. 1. Lemgo and Detmold: Meyer.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (1989): *Estruturas Trecentistas. Para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Teyssier, Paul (2005): *A Língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- TQ= Camões (coord.). Centro de Estudos de Teatro. *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI - Base de dados textual [online]*. <http://www.cet-e-quinientos.com>
- VFBM= Frei Luís de Sousa, *A Vida de Frei Bartolameu dos Mártires*, em Charlotte Galves / Pablo Faria (eds.).
- Wagenaar, Kornelis (1930): *Étude sur la négation en ancien espagnol jusqu'au XVème siècle*. Groningen: J. B. Wolters.
- Willis, David *et al.* (eds.) (2013): *The History of Negation in the Languages of Europe and the Mediterranean*, vol 1. Oxford: Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199602537.003.0003>
- Willis, David *et al.* (2013): «Comparing diachronies of negation», em David Willis *et al.* (eds.), 1-50.
- Zanuttini, Raffaella (1997): *Negation and Clausal Structure: A Comparative Study of Romance Languages*. New York: Oxford University Press.